

“Corais Vermelhos”: um conto de Judith Hermann

Fernanda Boechat

Judith Hermann nasceu em Berlim, em 1970. Em 1994, no final de sua graduação em jornalismo pela Freie Universität Berlin, ela foi a Nova York trabalhar em um jornal de língua alemã. Em 1996 ela retorna para sua cidade natal e, no começo de 1997, se muda para Wewelsfleth, uma pequena vila situada às margens do rio Elba. É nesse lugar, onde fica por cinco meses, que ela escreve o livro *Sommerhaus, Später* (1998), uma coletânea de nove contos publicada pela editora Fischer em 1998.

A estréia da autora com *Sommerhaus, Später* lhe rendeu, além de prêmios, a atenção dos críticos e do público. Ainda no mesmo ano de sua estréia Hermann recebe o prêmio Literaturförderpreis da cidade de Bremen. Em 1999 recebe o Hugo-Ball-Förderpreis, e em 2001, o Kleist-Preis. Entre os meios de comunicação que se voltaram para a autora, destacam-se a revista “Der Spiegel”, o jornal “Die Zeit” e também o programa de televisão “Das Literarische Quartett”, todos eles com grande representatividade na Alemanha. O livro já foi traduzido para mais de 17 idiomas, entre eles inglês, francês, espanhol e italiano. A tradução completa do livro ainda não foi publicada no Brasil, com exceção do conto “Sommerhaus, Später”, que dá título à coletânea, traduzido pelo escritor, tradutor e crítico

Marcelo Backes (2004), e do conto "Rote Korallen" (HERMANN, 2005), traduzido por Sylvia H. Erse Keller.

Em 2003, após quase seis anos da sua estréia no meio literário, Judith Hermann lança o seu segundo livro, *Nichts als Gespenster*, novamente uma coletânea de contos, também publicada pela editora Fischer. Depois do sucesso de sua primeira publicação, a atenção a esse segundo livro foi ainda maior. É graças a mais esse sucesso de crítica e vendas que ela se firma como escritora no meio literário alemão.

A tradução do conto "Rote Korallen", publicada na presente edição, é resultado de um projeto de tradução apresentado como trabalho de conclusão de curso para o Bacharelado Português/ Alemão com ênfase em Estudos da Tradução na Universidade Federal do Paraná.

Esse projeto de tradução entende, antes de tudo, a tradução como um movimento crítico, como uma prática crítica, aproximando-se daquilo que discute Antoine Berman em *Pour une Critique des Traductions* (BERMAN, 1995).

A obra *Pour une Critique des Traductions* é um estudo específico sobre a crítica de tradução literária. Esse estudo é mais do que uma tentativa de apresentar um método de tradução literária; Berman realiza uma reflexão crítica da tradução literária como um gênero: *l'un des genres de la Critique, avec un C majuscule*¹. Dessa forma, a crítica de tradução proposta por Berman não se resumiria a avaliações ou julgamentos que não contribuem produtivamente à reflexão de um determinado objeto tais como comentários que se limitam a pontuar aquilo que parece bom ou ruim em uma tradução. Mais do que isso: a crítica de tradução literária estaria a serviço da prática de

¹ BERMAN, 1995 p. 13

tradução, contribuindo para a sua fomentação, construção e reconstrução. É nesse sentido que Berman define a crítica produtiva².

O que nos interessa em particular nessa obra é o conceito de tradução literária que é posto como uma prática crítica e também como essa prática crítica se relaciona com o que é apresentado no primeiro capítulo, *Le Project d'une critique "productive"*, o qual diz respeito a uma reflexão teórica sobre crítica de tradução literária. Destacamos nesse capítulo o que Berman chama de busca pelo tradutor – que constitui o terceiro passo do projeto de crítica literária apresentado no primeiro capítulo da obra aqui mencionada –, que se divide em posição tradutória, projeto de tradução e horizonte de tradução ou horizonte do tradutor. A posição tradutória consistiria na maneira com que o tradutor lida com o ato tradutório e como ele internaliza as suas concepções de tradução, o que não se resumiria em uma posição apenas pessoal, uma vez que o tradutor se encaixa em um contexto histórico, social, ideológico, entre outros. O projeto de tradução diz respeito ao modo como o tradutor realizará seu encargo, ou seja, as condições de trabalho e as estratégias do tradutor. Por último, há o horizonte de tradução ou o horizonte do tradutor, que seria o espaço da prática tradutória em geral que vai estar intimamente relacionada à posição tradutória e ao projeto de tradução.

É na busca pelo tradutor de Berman, caracterizada pelo diálogo entre a voz do tradutor e a voz do autor, que a noção desse projeto de tradução é reconhecida. Berman considera, antes de tudo, a voz do tradutor, para daí apontar o diálogo que existe entre essas duas instâncias no ato tradutório. Esse movimento só pode ser crítico, já que o tradutor se deparará com inúmeras situações decisivas em seu encargo, que só poderão ser resolvidas por meio desse diálogo. Dessa maneira, ao se compreender a tradução como uma ati-

² Berman define "crítica produtiva" apropriando-se da noção de Friedrich Schlegel, pai da crítica moderna, que afirma a necessidade que uma obra literária tem da crítica para comunicar-se e efetivar-se.

vidade crítica, não há a possibilidade de se considerar uma neutralidade do tradutor.

Entendendo a tradução literária dessa forma, a pesquisa se concentrou em alguns tópicos que estão a serviço da tradução do conto "Rote Korallen" aqui apresentada, colaborando diretamente no diálogo entre o autor e o tradutor.

Primeiramente nos ocupamos da recepção da obra de Judith Hermann, na Alemanha e no Brasil. Depois concentramos o olhar nos contextos em que a produção de Hermann se insere. No contexto de partida, o *Literarisches Fräuleinwunder*³ e a *Geração Golf*⁴ foram o pano de fundo da discussão. Já no contexto de chegada nos voltamos para o conto brasileiro contemporâneo, já que a tradução ocupará um lugar no contexto da literatura contemporânea brasileira. Em suma, procuramos traçar principalmente semelhanças entre os contextos de partida e de chegada, assim como observar as possíveis divergências entre os mesmos (BOECHAT, 2007).

O conto "Corais Vermelhos" é, portanto, o resultado da reflexão crítica que se inicia com a pergunta "o que é tradução literária?", passeia nos confins desse universo literário alemão-brasileiro e se faz texto.

Bibliografia:

- BACKES. M. *A arte do combate, a literatura alemã em cento e poucas chispas poéticas e outros comentários*. Ed. Boitempo, São Paulo, 2003.
- BACKES. M; Renner R. *Escombros e Caprichos: o melhor do conto alemão do século 20*. Ed. LPM, Porto Alegre, 2004.

³ "Milagre das senhoritas" (BACKES, 2003 p. 301)

⁴ "Geração Golf" (minha tradução)

- BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Ed. Gallimard, Paris, 1995.
- BOECHAT, B. F. *Corais Vermelhos: projeto de tradução de um conto de Judith Hermann*. Trabalho de Graduação. Curitiba: Bacharelado em Português/Alemão com ênfase em Estudos da Tradução, Universidade Federal do Paraná, 2007.
- CARDOZO, M. *Solidão e Encontros: prática e espaço da crítica de tradução literária*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2004.
- HAGE, V. *Ganz schön abgedreht*. Spiegel, v.41, p.244-246, 1999.
- HERMANN, J. *Sommerhaus, Später*. Ed. Fischer. Frankfurt/Main, 1998.
- HERMANN, J. *Nichts als Gespenster*. Ed. Fischer. Frankfurt/Main, 2003.
- HERMANN, J. "Corais Vermelhos". In: *Ficções. Revista de Contos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 7, p. 36-47, jun. 2005.
- ILLIES, F. *Generation Golf – eine Inspektion*. Ed. Fischer. Frankfurt/Main, 2000.
- ILLIES, F. *Generation Golf zwei*. Ed. Karl Blessing. München, 2003.

Corais Vermelhos

Minha primeira e única visita a um terapeuta me custou o cordão de corais vermelhos e meu amor.

O cordão de corais vermelhos veio da Rússia. Ele veio, mais precisamente, de São Petersburgo, tinha mais de cem anos, minha bisavó o usara em seu pulso esquerdo, o mesmo levava a vida do meu bisavô. É essa história que eu quero contar? Não tenho certeza. É... Na verdade não tenho mesmo certeza:

Minha bisavó era uma mulher bela. Meu bisavô construía fornos para o povo russo e ela o acompanhou quando ele se mudou para lá. Meu bisavô arrumou uma casa grande para minha bisavó que ficava na ilha Vassílii Óstrov⁵, de São Petersburgo. A ilha Vassílii Óstrov é banhada pelo pequeno e pelo grande Neva e se minha bisavó se colocasse nas pontas dos pés, em sua casa situada na Mályi Prospékt, e olhasse através da janela, ela poderia ver o rio e a baía de Kronstadt. Mas minha bisavó não queria ver o rio, não queria ver a baía de Kronstadt nem as casas altas e belas da Mályi Prospékt. Ela não queria a paisagem do estranho. Ela fechava as pesadas cortinas vermelhas aveludadas, trancava as portas e os tapetes engoliam todos os ruídos, permanecia sentada em seus sofás, poltronas e em sua cama luxuosa, embalava seu corpo em movimentos vagos e sentia falta de sua terra, da Alemanha. A luz em sua casa era como a de um crepúsculo, como a das profundezas de um mar, e ela acreditava que a Rússia, São Petersburgo e todo aquele mundo estranho não eram nada além de um sonho profundo e quase sem luz do qual ela iria se livrar quando despertasse.

⁵ As transcrições dos nomes russos, que no original já estão transcritos para o alemão, foram feitos para o português pelo professor de russo do Celin, Centro de Língua e Interculturalidade da Universidade Federal do Paraná, Luiz Heitor Guimarães.

Meu bisavô viajava por todo o país a construir fornos para o povo russo. Ele construía fornos de cuba e fornos de torrefação e fornos de reverbero e fornos de pá e fornos de Livermoore. Ele ficava distante por longos períodos. Ele escrevia cartas para a minha bisavó, e quando elas chegavam, ela abria levemente um pouco das pesadas cortinas vermelhas aveludadas e as lia sob a fenda de luz que deixava entrar em sua casa:

Eu queria te explicar que o forno Hasenclever, que estamos construindo, é feito de muflas e é conectado por canais verticais e aquecido pela chama de uma fornalha – você deve se lembrar do forno cadinho que eu construí em Blomesche Wildnis, em Holstein, do qual você gostou muito quando viu. Bem, no forno Hasenclever o processo é o mesmo, só que o mineral é colocado na mufla superior através de um orifício...

Minha bisavó se cansava com a leitura dessas cartas. Ela já não se lembrava mais do forno cadinho, mas sim de Blomesche Wildnis, das suas pastagens e planícies, dos grandes rolos de feno sobre os campos e do sabor do suco de cidra doce e fresco no verão. Ela deixava novamente que aquele ambiente mergulhasse na luz do crepúsculo, deitava no seu sofá e dizia – Blomesche Wildnis, Blomesche Wildnis – aquilo soava como uma canção de criança, soava como uma cantiga de ninar, soava belo.

Na ilha Vassílii Óstrov em São Petersburgo, muitos artistas e intelectuais russos também viviam, por esses anos, junto aos comerciantes estrangeiros e suas famílias. Não tardou para que eles escutassem sobre a beleza da mulher alemã que vivia na ilha, sua pele branca e cabelos claros, vivendo quase sempre sozinha em um ambiente brando, escuro e frio como o mar. Os artistas e intelectuais se mostravam. Minha bisavó acenava com sua mão cansada e pequena, falava pouco, entendia pouco, observava vagarosamente entre suas pálpebras pesadas e sonhava acordada. Os artistas e intelectuais achegavam-se nos sofás e poltronas de minha bisavó, em seus tecidos pesados e escuros, as criadas serviam chá preto, chá de ca-

nela e geléia de mirtilo e de amora. Minha bisavó esquentava suas mãos frias no samovar e se sentia sempre cansada para chegar a mandá-los embora. E assim eles ficavam. Observavam minha bisavó que se misturava à luz do crepúsculo e se transformava em algo triste, bonito e desconhecido. Transformava-se na tristeza, na beleza e no desconhecido da alma russa, os artistas e intelectuais encantaram-se por ela e ela deixou-se ser amada por eles.

Meu bisavô ficava distante por longos períodos. Minha bisavó se deixou ser amada por um longo período, era cuidadosa e reservada, quase nunca cometia um erro. Ela esquentava suas mãos frias no samovar e sua alma calafria no coração ardente de seus amantes, compreendia e aprendia algumas palavras daquela língua suave e estranha – Você é a mais delicada de todas as bétulas. Ela lia as cartas do meu bisavô sobre os fornos de fusão, os fornos Deville, os fornos de tubos, expostas a uma fenda de luz do dia, juntava-as e queimava-as na lareira. Deixou-se ser amada, cantava para si, antes de adormecer, a canção de Blomesche Wildnis, e quando seus amantes a olhavam curiosamente, ela sorria e se calava.

Meu bisavô prometia voltar em breve, prometia voltar para a Alemanha. Mas ele nunca voltava.

O primeiro e o segundo e o terceiro inverno já haviam passado, meu bisavô continuava na imensidão russa construindo fornos e minha bisavó esperava sempre por seu regresso, com a esperança de poder finalmente voltar para sua terra, para sua Alemanha. Ela escreveu para meu bisavô, que estava na região da taiga russa. Ele respondeu que viria em breve, precisaria se ausentar mais uma vez, apenas mais uma última vez – e então ele prometeria que poderiam viajar.

Na noite em que meu bisavô chegou, minha bisavó estava sentada na frente do espelho de seu quarto e penteava seus cabelos claros. Em uma caixinha na frente do espelho estavam os presentes que ela havia ganhado de seus amantes, o broche de Grigórii, o anel

de Nikíta, as pérolas e as fitas de veludo de Alekséi, os cachinhos de cabelo de Iemelián, medalhões, amuletos e braceletes de prata de Mikhaíl e Iliá. Na caixinha também estava o cordão de corais vermelhos de Nikolái Serguéievitch. Os seiscentos e setenta e cinco pequenos corais, que estavam amarrados em um cordão de seda, reluziam a vermelhidão da ira. Minha bisavó colocou sua escova de cabelo em seu colo. Fechou os olhos. Ao abri-los pegou o cordão de corais vermelhos de sua caixinha e o amarrou sobre a pele branquíssima de seu pulso esquerdo.

Nessa noite ela jantava com o meu bisavô pela primeira vez, depois de três anos. Meu bisavô falava russo e sorria para minha bisavó. Minha bisavó juntava as mãos sobre o colo e sorria de volta. Meu bisavô falava sobre a região das estepes, sobre a Blomesche Wildnis, sobre as noites claras russas, ele falava sobre os fornos e os mencionava em alemão, minha bisavó balançava a cabeça como se entendesse os relatos de meu bisavô. Enquanto comia o pelmeni com as mãos e com as mesmas limpava os cantos da boca, ele dizia em russo que teria de ir mais uma vez a Vladivostok, seria a última vez, a última parada. Depois seria o momento de voltar para Alemanha. Ou ela gostaria de ficar mais tempo?

Minha bisavó não o entendeu. Mas ela reconheceu a palavra Vladivostok. Ela pousou as mãos sobre a mesa e o cordão de corais vermelhos reluziu a vermelhidão da ira na pele branquíssima de seu pulso esquerdo.

Meu bisavô fixou seu olhar no cordão de corais. Largou o resto do pelmeni no prato, limpou as mãos no guardanapo de linho e acenou para a criada para que deixasse a sala. Ele disse em alemão – O que é isso?

Minha bisavó disse – Um cordão.

Meu bisavô disse – E de onde vem esse cordão? Se é que devo perguntar.

Minha bisavó respondeu com uma voz branda e baixa – Eu gostaria mesmo que você perguntasse. É um presente de Nikolai Serguéievitch.

Meu bisavô chamou a criada e a mandou até a casa de seu amigo Issáak Baruv. Já era tarde quando ele chegou, a figura corcovada de Issáak Baruv parecia naquele momento sonolenta e confusa, passava constantemente os dedos nos cabelos desarrumados. Meu bisavô e Issáak Baruv andavam agitados pelo quarto e discutiam, Issáak Baruv dizia palavras serenas completamente em vão, palavras que faziam minha bisavó se lembrar de seus amantes. Minha bisavó se afundava cansada em uma de suas poltronas macias e esquentava as mãos frias no samovar. Meu bisavô e Issáak Baruv conversavam em russo e minha bisavó não entendia nada mais do que as palavras patrono e Petróvskii Párk. A criada foi encarregada de entregar uma carta ainda na escuridão da madrugada. Quando a aurora surgiu, meu bisavô e Issáak Baruv deixaram a casa. Minha bisavó havia adormecido e seu pulso esquerdo com o cordão de corais pousava solto e sem brilho no braço da poltrona; o quarto estava escuro e silencioso como as profundezas do mar.

Issáak Baruv, por volta do meio-dia, voltou com os pés arranhados para casa de minha bisavó, deu as condolências de uma testemunha e a informou de que meu bisavô havia sido morto às oito horas da manhã. Nikolái Serguéievitch havia baleado o coração de meu bisavô na colina do Petróvskii Párk.

Minha bisavó esperou mais sete meses. Dia 20 de janeiro de 1905, já nos primeiros dias da Revolução Russa, ela deu à luz minha avó e arrumou suas coisas para voltar para Alemanha. Seu trem era o último que iria para Berlim, logo depois o sistema ferroviário entraria em greve e o transporte entre a Rússia e os outros países seria suspenso. No momento em que as portas se fecharam e a locomotiva começou a soprar sua fumaça branca no ar de inverno, a figura corcovada de Issáak Baruv apareceu no final da plataforma. Minha bisavó o viu vindo em direção ao trem e pediu para que o cobrador esperasse, Issáak Baruv conseguiu subir no último segundo antes da partida. Ele acompanhou minha bisavó na longa viagem até Berlim, carregou suas malas, sua chapeleira, sua bolsa, nunca disfarçou, durante toda sua vida, a gratidão que tinha pela minha bisavó.

vó. Minha bisavó sorriu calmamente para Issáak Baruv e se calou; ela usava o cordão de corais vermelhos no pulso esquerdo e já naquela época minha avó, no cesto de vime, se parecia mais com Nikolái Serguéievitch do que com o meu bisavô.

Minha primeira e única visita a um terapeuta me custou o cordão de corais vermelhos e meu amor.

Meu amor era dez anos mais velho do que eu e se parecia com um peixe. Tinha olhos e pele cinza como de um peixe, como de um peixe que havia morrido. Ficava deitado em sua cama durante todo o dia, frio e mudo. Ficava jogado em sua cama e quando dizia alguma coisa, dizia apenas essa frase: "Eu não me interesso por mim mesmo". É essa história que eu quero contar?

Eu não sei. Eu realmente não sei:

Meu amor era bisneto de Issáak Baruv, em suas veias finas corriam sangue alemão e sangue russo. Issáak Baruv foi fiel a minha bisavó durante muito tempo de sua vida, mas se casou com sua camareira pomerânia. Com ela teve sete filhos, os quais lhe deram sete netos, apenas um desses netos lhe deu um bisneto: o meu amor. Os pais do meu amor se afogaram em um lago durante uma tempestade de verão e minha bisavó me encarregou de ir ao enterro. Os últimos vínculos com o passado de São Petersburgo seriam enterrados nas terras de Brandenburgo e com eles todas as histórias sobre as quais minha bisavó não queria mais falar. E eu fui ao enterro do neto de Issáak Baruv e de sua esposa, em sua sepultura estava o meu amor, que chorou três lágrimas cinza. Eu coloquei sua mão fria na minha e quando ele foi para casa eu o acompanhei, eu pensei que poderia consolá-lo com a história de São Petersburgo, eu pensei que ele poderia me contar a história, contá-la mais uma vez de uma nova maneira.

Mas meu amor não falou. Ele não queria ouvir nada, não sabia nada sobre a manhã de inverno de 1905, quando a minha bisavó

pediu para que o cobrador do trem esperasse e seu bisavô conseguisse fugir no último segundo. Meu amor ficava deitado em sua cama e quando dizia alguma coisa dizia apenas essa frase: eu não me interessava por mim mesmo. Seu quarto era frio e empoeirado, a saída do quarto dava para um cemitério, no cemitério soavam sempre sinos sem vida. Se eu me colocasse nas pontas dos pés e olhasse através da janela eu poderia ver as sepulturas, os buquês de cravo e os enlutados. Muitas vezes me sentava no canto do quarto, abraçava os joelhos contra o corpo e perdia o fôlego no meio dos flocos de pó; achava assombroso o fato de ele não se interessar por si mesmo. Eu me interessava exclusivamente por mim mesma. Eu observo o meu amor e ele observa seu corpo como se ele já estivesse morto, às vezes nos amamos hostilmente e eu mordo sua boca salgada. Eu tinha o sentimento de que era fina e magra, mesmo que não fosse, conseguia agir como se não fosse eu mesma, a luz baixava esverdeada por entre as árvores que estavam em frente à janela. A luz era fraca como a dos lagos, os flocos de pó flutuavam pelo quarto como se fossem algas e sargaço.

Meu amor era triste. Eu perguntava entusiasmada se eu não deveria contar uma curta história russa e ele respondia misteriosamente que as histórias já haviam ficado para trás, que não gostaria de escutá-las e que, principalmente, eu não deveria confundir a minha própria história com outras. Eu perguntei: – Você tem alguma história? – e meu amor disse que não, que não tinha nenhuma. Mas ele ia duas vezes por semana ao médico, a um terapeuta. Ele me proibiu de acompanhá-lo, se recusava a me contar algo sobre o terapeuta e disse: – Eu falo sobre mim mesmo. Isso é tudo. – e quando eu perguntei se ele falava para o terapeuta que não se interessava por si mesmo ele me encarou cheio de desprezo e se calou.

Meu amor então se calava ou dizia essa frase, eu também me calava e começava a pensar sobre o terapeuta, meu rosto estava sempre empoeirado, como também a sola de meus pés. Eu me imaginava no consultório do terapeuta falando sobre mim. Eu não tinha nenhuma idéia sobre o que eu deveria falar. Há muito tempo, desde

que passei a estar junto ao meu amor, eu já não falava muito, eu falava muito pouco com ele e ele praticamente nunca falava comigo, sempre apenas essa frase; houve momentos em que eu pensei que a comunicação apenas se constituísse, sozinha e unicamente, por meio dessas sete palavras: “Eu não me interesso por mim mesmo.”

Eu comecei a pensar muito sobre o terapeuta. Eu pensava apenas nessa conversa no seu consultório desconhecido e isso era agradável. Eu tinha vinte anos, não tinha nada para fazer e usava o cordão de corais vermelhos no meu pulso esquerdo. Eu conhecia a história da minha bisavó, poderia ir mentalmente até a casa escura e sem luz situada na Mályi Prospékt, eu vira Nikolái Serguéievitch nos olhos de minha avó. O passado era entrelaçado comigo de forma tão densa que às vezes parecia minha própria vida. A história da minha bisavó era a minha história. Mas onde estava a minha história sem a minha bisavó? Eu não sabia.

Os dias eram silenciosos como embaixo d'água. Eu me sentava no quarto do meu amor e o pó se tecia ao redor dos meus tornozelos; eu me sentava, os joelhos dobrados junto ao corpo e a cabeça sobre os joelhos, e desenhava no chão cinza com meu dedo indicador; perdida em pensamentos que desconheço, parecia que se passavam anos e eu imediatamente flutuava. Eu poderia falar sobre isso? De tempos em tempos minha bisavó vinha, batia com a mão magra na porta da casa, me chamava e dizia que deveria sair e ir com ela para casa, sua voz entrava através do pó que se tecia na porta como em todos os lugares. Eu não me movimentava e não respondia, meu amor ficava deitado em sua cama e olhava fixamente, com olhos mortos, para sua coberta sem que se movesse. Minha bisavó me atraía me chamando por apelidos de infância – pequenez de menina, olhinhos de jabuticaba, coração por tigela – ela batia na porta permanentemente e insistentemente com sua mão magra e só ia embora quando eu gritava: – Você me mandou para ele, agora tem que esperar até que isso chegue ao final!.

Eu ouvia os passos da minha bisavó silenciarem pela escada, os flocos na porta, que haviam sido atiçados com as batidas, se acalmavam e se transformavam em uma penugem espessa. Eu olhei meu amor e disse – Você não quer mesmo ouvir a história do cordão de corais vermelhos?

Meu amor se contorceu deitado em sua cama e me deu seu rosto atormentado. Ele esticou as mãos cinza de peixe e abriu devagar os dedos, os olhos cinza de peixe deram um pequeno passo para fora de sua caverna. O silêncio do quarto tremia como a superfície de um lago na qual se havia jogado uma pedra. Eu mostrei ao meu amor o meu braço e o cordão de corais vermelhos no meu pulso. Meu amor disse: – Estes são da família das gorgônias. Eles fazem parte de uma linhagem que pode chegar até um metro de altura e têm um esqueleto vermelho de calcário. Calcário.

Meu amor tropeçava na língua ao falar, falava grosseiramente e balbuciava como se estivesse bêbado. Ele disse: – Eles crescem nas costas da Sardenha e da Sicília. Em Trípoli, Tunis e na Argélia. Lá, onde o mar é azul como turquesa e muito profundo, se pode nadar e mergulhar, a água é morna... Ele se virou novamente para o outro lado e suspirou profundo, ele bateu os pés contra a parede duas vezes e depois deitou silencioso.

Eu disse: – Eu quero contar as histórias, ouça! As histórias de São Petersburgo, as velhas histórias, eu quero contá-las para sair delas e poder seguir adiante.

Meu amor disse: – Eu não quero escutar.

Eu disse: – Então eu irei contá-las ao seu terapeuta. – e meu amor se endireitou, respirou tão forte que alguns flocos de pó sumiram em uma pequena tormenta dentro de sua boca aberta, ele disse: – Você não irá contar ao meu terapeuta. Conte a qualquer outra pessoa, mas não ao meu terapeuta. – e ele tossiu e bateu no peito nu e cinza, eu precisei rir, meu amor nunca havia falado tão sucessivamente. Ele disse: – Você não vai falar com alguém sobre mim. Muito menos com a mesma pessoa com quem eu já falei sobre mim. Isso

não é possível. – e eu disse: – Eu não quero falar sobre você, eu quero contar as minhas histórias e minhas histórias também são suas. Nós realmente brigamos. Meu amor ameaçou me deixar, me segurou firme e puxou meus cabelos, ele mordeu a minha mão e me arranhou, um vento entrava pelo quarto e batia a janela; os sininhos do cemitério tocavam enfurecidos e os flocos de pó iam para fora como se fossem bolas de sabão. Eu empurrei o meu amor e abri a porta com um golpe, me senti realmente fina e magra, quando me fui podia ouvir os flocos de pó afundando no chão, meu amor permanecia em sua cama calado, com seus olhos de peixe cinza e sua pele de peixe cinza.

O terapeuta, que me fez perder o cordão de corais vermelhos e meu amor, estava sentado atrás de uma mesa em seu consultório grande. O consultório era realmente muito grande e quase vazio até chegar à mesa em que ele se encontrava, só havia uma pequena cadeira à frente. No chão do consultório havia um tapete macio, azul como o mar, azul profundo. O terapeuta me olhava sério e direto, como se eu tivesse me infiltrado em seu consultório. Eu andei até ele e tinha a impressão de que teria de andar muito para conseguir chegar à cadeira que ficava à frente de sua mesa. Pensava que nessa cadeira meu amor teria se sentado muitas vezes e teria falado sobre ele – sobre o que? – e pressentia uma tristeza muito pequena. Eu me sentei, o terapeuta me cumprimentou com a cabeça e eu o cumprimentei de volta olhando fixamente, eu esperava pelo começo, pelo começo da conversa, pela sua primeira pergunta. Ele me respondia me olhando também fixamente, até o momento em que meu olhar afundava, e não dizia nada. Ele se calava. Sua mudez me lembrava algo. Ele era muito silencioso. Escutava o tique-taque de um relógio que não conseguia enxergar, o vento envolvia o prédio e eu olhava o tapete azul como o mar, azul profundo entre os meus pés, puxava o cordão de corais vermelhos, nervosa e insegura. O terapeuta suspirava. Eu levantei minha cabeça e ele batia com a ponta da caneta no tampo da sua mesa reluzente, eu sorria desconcertada e ele disse: – Então, o que te traz até aqui? –

Eu respirei, levantei as mãos e deixei que elas se jogassem, que afundassem, eu queria dizer que não me interessava por mim mesma, o que é uma mentira, eu me interessei exclusivamente por mim mesma, e é isso? não significa nada? apenas o cansaço e os dias vazios e silenciosos, uma vida como um peixe embaixo d'água e um sorriso sem motivo? eu gostaria de dizer que existem muitas histórias dentro de mim que fazem minha vida pesada, pensei que por isso poderia ter ficado ao lado do meu amor, eu respirei e o terapeuta abriu sua boca e seus olhos e eu estiquei o fio de seda do meu cordão de corais vermelhos, o cordão se partiu e os seiscentos e setenta e cinco pequenos corais vermelhos de ira romperam-se do meu pulso esquerdo fino e magro em um brilho cintilante.

Eu olhei meu pulso desolada, meu pulso estava nu e branco. Olhei o terapeuta; o terapeuta tinha se reclinado em sua cadeira, a caneta estava agora na beira de sua mesa e ele havia colocado as mãos no seu colo. Coloquei as mãos impulsivamente no rosto. Escorreguei da cadeira para o tapete azul como o mar, para o tapete azul profundo, os seiscentos e setenta e cinco corais estavam espalhados por todo o consultório. Eles reluziam como nunca a vermelhidão da ira, eu me abaixava no chão e os juntava, eles estavam embaixo da mesa, nas pontas dos pés do terapeuta, ele afastava muito pouco os pés quando eu o tocava. Embaixo da mesa estava escuro, mas os corais vermelhos reluziam.

Eu pensei em Nikolái Serguéievitch, eu pensei que se ele não tivesse dado os corais vermelhos à minha bisavó, ele não teria atirado no centro do coração do meu bisavô. Eu pensei em Issáak Baruv corcovado, eu pensei que se ele não tivesse deixado a Rússia minha bisavó não teria parado o trem por sua causa. Eu pensei no meu amor, no peixe, eu pensei que se ele não tivesse sempre se calado eu não precisaria estar agora me humilhando embaixo da mesa de um terapeuta, eu via as pernas das calças do terapeuta, sua mão dobrada, poderia sentir seu cheiro, bati a cabeça no tampo da mesa. Eu juntava os corais vermelhos embaixo da mesa, ia para luz e depois

pelo consultório, pegava os corais com a mão direita e os juntava na mão esquerda e começava a chorar. Ajoelhava-me no tapete azul como o mar, no tapete azul profundo e olhava o terapeuta, ele me olhava de sua cadeira com as mãos dobradas. Minha mão esquerda estava cheia de corais, mas muitos outros reluziam para mim, eu pensei que precisaria da minha vida toda para poder apanhar todos os corais, eu pensei que minha vida toda não seria o suficiente. Eu me levantei. O terapeuta se precaveu, pegou a caneta da mesa e disse: – A consulta está por hoje encerrada.

Eu despejei os corais vermelhos da minha mão esquerda para a minha mão direita, eles fizeram um ruído belo e terno, quase como um riso. Eu levantei a mão direita e atirei os corais vermelhos no terapeuta. O terapeuta recuou. Os corais vermelhos tamborilavam sobre a mesa dele e junto ao seu tamborilar estava toda São Petersburgo, o grande e o pequeno Neva, a bisavó, Issáak Baruv, Nikolái Serguéievitch, a avó no cesto de vime, o amor, o peixe, o Volga, o Luga, o Narova, o mar Negro e o mar Cáspio e o Egeu, o Golfo, o Oceano Atlântico.

As águas dos mares do mundo inteiro pesavam em uma onda grande e verde sobre a mesa do terapeuta e o jogava da cadeira, crescia rapidamente e jogava a sua mesa para cima, de uma seqüência de ondas surgia o rosto do terapeuta, depois desaparecia, as águas marulhavam, quebravam, afundavam e alçavam e alagavam as histórias junto de si, o silêncio e os corais engoliam-nas de volta numa floresta de sargaço, em uma concharia, nas profundezas do mar. Eu busquei ar.

Eu fui mais uma vez ver meu amor. Ele flutuava, eu sabia, e a barriga para cima pálida flutuava na cama úmida. A luz era tão cinza como a luz das profundezas de um lago, nos seus cabelos se emaranhavam flocos de pó e ele tremia suavemente. Eu disse: – Você sabia que os corais ficam negros quando eles permanecem muito tempo nas profundezas do mar? Eu disse: – Era essa a história que eu queria contar. Mas meu amor não podia mais me escutar.

Rote Korallen

Mein erster und einziger Besuch bei einem Therapeuten kostete mich das rote Korallenarmband und meinen Geliebten.

Das rote Korallenarmband kam aus Rußland. Es kam, genauer gesagt, aus Petersburg, es war über hundert Jahre alt, meine Urgroßmutter hatte es ums linke Handgelenk getragen, meinen Urgroßvater hatte es ums Leben gebracht. Ist das die Geschichte, die ich erzählen will? Ich bin nicht sicher. Nicht wirklich sicher:

Meine Urgroßmutter war schön. Sie kam mit meinem Urgroßvater nach Rußland, weil mein Urgroßvater dort Öfen baute für das russische Volk. Mein Urgroßvater nahm eine große Wohnung für meine Urgroßmutter auf der Petersburger Insel Wassilij Ostrow. Die Insel Wassilij Ostrow wird umspült von der kleinen und von der großen Newa, und wenn meine Urgroßmutter sich in der Wohnung von dem Malyj-Prospekt auf ihre Zehenspitzen gestellt und aus dem Fenster geschaut hätte, so hätte sie den Fluß sehen können und die große Kronstädter Bucht. Meine Urgroßmutter aber wollte den Fluß nicht sehen und nicht die Kronstädter Bucht und nicht die hohen, schönen Häuser des Malyj-Prospekts. Meine Urgroßmutter wollte nicht aus dem Fenster hinaussehen in eine Fremde. Sie zog die schweren, roten samtenen Vorhänge zu und schloß die Türen, die Teppiche verschluckten jeden Laut, und meine Urgroßmutter saß auf den Sofas, den Sesseln, den Himmelbetten herum und wiegte sich vor und zurück und hatte Heimweh nach Deutschland. Das Licht in der großen Wohnung auf dem Malyj-Prospekt war ein Dämmerlicht, es war ein Licht wie auf dem Grunde des Meeres, und meine Urgroßmutter mag gedacht haben, daß die Fremde, daß Petersburg, daß ganz Rußland nichts sei als ein tiefer, dämmeriger Traum, aus dem sie bald erwachen werde.

Mein Urgroßvater aber reiste durchs Land und baute Öfen für das russische Volk. Er baute Schachtöfen und Rostöfen und Flammöfen und Fortschaufelungöfen und Livermooreöfen. Er blieb

sehr lange fort. Er schrieb Briefe an meine Urgroßmutter, und wenn diese Briefe kamen, zog meine Urgroßmutter die schweren, roten samteneen Vorhänge an den Fernstern ein wenig zurück und las in einem schmalen Spalt von Tageslicht:

Ich will dir erklären, daß der Hasenclever-Ofen, den wir hier bauen, aus Muffeln besteht, die durch vertikale Kanäle miteinander verbunden sind und durch die Flamme einer Rostfeuer erhitzt werden – du erinnerst dich an den Gefäßofen, den ich in der Blomischen Wildnis in Holstein baute und der dir doch damals ganz besonders gefallen hat – nun, auch bei dem Hasenclever-Ofen wird das Erz durch die Öffnungen in die oberste Muffel gebracht und...

Meine Urgroßmutter machte das Lesen dieser Briefe sehr müde. Sie konnte sich nicht mehr an den Gefäßofen in der Blomischen Wildis erinnern, aber sie konnte sich an die Blomische Wildnis erinnern, an die Weiden und an das flasche Land, an die Heuballen auf den Feldern und den Geschmack von süßem, kaltem Apfelmot im Sommer. Sie ließ das Zimmer zurücktauchen ins Dämmerlicht und legte sich müde aus eines der Sofas, sie sagte: – Blomische Wildnis, Blomische Wildnis, – es klang wie ein Kinderlied, es klang wie Schlaflied, es klang schön.

Auf der Petersburger Insel Wassilij Ostrow lebten in diesen Jahren neben den ausländischen Kaufmännern und ihren Familien auch viele russische Künstler und Gelehrte. Es blieb nicht aus, daß diese von der Deutschen hörten, der Schönen, Blassen mit dem hellen Haar, die dort oben im Malyj-Prospekt wohnen sollte, fast immer allein und im Zimmer, so dunkel, weich und kühl wie das Meer. Die Künstler und die Gelehrten wurden vorstellig. Meine Urgroßmutter winkte sie mit müder, schmaler Hand herein, sie sprach wenig, sie verstand kaum etwas, sie schaute unter schweren Lidern langsam und verträumt. Die Künstler und die Gelehrten nahmen Platz auf den tiefen, weichen Sofas und Sesseln, sie sanken ein in die schweren und dunklen Stoffe, die Hausmädchen brachten schwartzen, zimtigen Tee und Konfitüre

aus Heidelbeeren und Brombeeren. Meine Urgroßmutter wärmte sich die kalten Hände am Samovar und war viel zu müde, um die Künstler und die Gelehrten wieder hinauszubitten. Und so blieben sie. Und sie betrachteten meine Urgroßmutter, und meine Urgroßmutter verschmolz mit dem Dämmerlicht zu etwas Traurigem, Schönem, Fremdem. Und die Traurigkeit und Schönheit und Fremdheit die Grundzüge der russischen Seele sind, verlieben sich die Künstler und die Gelehrten in meine Urgroßmutter, und meine Urgroßmutter ließ sich von ihnen lieben.

Mein Urgroßvater blieb sehr lange fort. Meine Urgroßmutter ließ sich also lange lieben, sie tat das vorsichtig und umsichtig, sie beging kaum ein Fehler. Sie wärmte ihre kalten Hände am Samovar und ihre fröstelnde Seele an den glühenden Herzen ihrer Liebhaber, sie lernte aus der fremden, weichen Sprache die Worte heraushören: – Du zarteste aller Birken. – Sie las die Briefe über die Schmelzenöfen, die Devillschen Öfen, die Röhrenöfen im schmalen Spalt des Tageslichts und verbrannte sie allesamt im Kamin. Sie ließ sich lieben, sie sang am Abend vor dem Einschlafen das Lied von der Blomischen Wildnis vor sich hin, und wenn ihre Liebhaber sie fragend ansahen, dann lächelte sie und schwieg.

Mein Urgroßvater versprach, bald zurückzukommen, bald mit dem zurückzukehren nach Deutschland. Aber er kam nicht.

Der erste und der zweite und der dritte Petersburger Winter verging, und noch immer war mein Urgroßvater in der russischen Weite mit dem Bauen der Öfen beschäftigt, und noch immer wartete meine Urgroßmutter darauf, daß sie heimkehren konnte, nach Deutschland. Sie schrieb ihm in die Taiga. Er schrieb zurück, er käme bald, er müßte dann nur noch einmal fort, nur noch ein letztes Mal – aber dann, aber dann, er verspräche, könnten sie reisen.

Am Abend seiner Ankunft saß meine Urgroßmutter vor dem Spiegel in ihrem Schlafzimmer und kämmte sich ihr helles Haar. In einem Kästchen vor dem Spiegel lagen die Geschenke ihrer Liebhaber, die Brosche von Grigorij, der Ring von Nikita, die Perlen

und Samtbänder von Alexej, die Locken von Jemeljan, die Medaillons, die Amulette und Silberreife von Michail und Ilja. In dem Kästchen lag auch das rote Korallenarmband von Nikolaj Sergejewitsch. Seine sechshundertfünfundsiebzig kleinen Korallen waren auf einem Seidenfaden aufgereiht, und sie leuchteten rot wie die Wut. Meine Urgroßmutter legte die Haarbürste in ihren Schoß. Sie schloß sehr lange die Augen. Sie machte die Kästchen heraus und band es sich um ihr linkes Handgelenk. Ihre Haut war sehr weiß.

An diesem Abend aß sie mit meinem Urgroßvater zum ersten Mal seit drei Jahren. Mein Urgroßvater redete russisch und lächelte meine Urgroßmutter an. Meine Urgroßmutter faltete die Hände im Schoß und lächelte zurück. Mein Urgroßvater redete über die Steppe, über die Wildnis, über die hellen, russischen Nächte, er redete über die Öfen und nannte ihre deutschen Namen, und dann nickte meine Urgroßmutter, als sie verstanden. Mein Urgroßvater sagte auf russisch, er müsse noch einmal nach Wladiwostok fahren, er aß die Palmeni mit den Händen, während er das sagte, er wischte sich mit den Händen das Fett vom Mund, er sagte, Wladiwostok sei die letzte Station, dann wäre es Zeit, zurückzukehren, nach Deutschland. Oder wollte sie noch bleiben?

Meine Urgroßmutter verstand ihn nicht. Aber sie verstand das Wort Wladiwostok. Und sie legte ihre Hände auf den Tisch, und das Korallenarmband leuchtete rot wie die Wut an ihrem linken, weißen Handgelenk.

Mein Urgroßvater starrte auf das Korallenarmband. Er legte den Rest seiner Palmeni auf den Teller zurück, wischte sich die Hände an der Leinenserviette ab und winkte das Hausmädchen aus dem Zimmer. Er sagte auf Deutsch: – Was ist das.

Meine Urgroßmutter sagte: – Ein Armband.

Mein Urgroßvater sagte: – Und woher hast du das, wenn ich fragen darf?

Meine Urgroßmutter sagte sehr leise und weich: – Ich wünschte überhaupt, du hättest je gefragt. Es ist ein Geschenk von Nikolaj Sergejewitsch.

Mein Urgroßvater rief das Hausmädchen wieder herein und schickte es nach seinem Freund Isaak Baruw, Isaak Baruw kam, er war bucklig und krumm, er sah verschlafen und verwirrt aus, es war schon spät in der Nacht, und er strich sich immer wieder verlegen durch das ungekämmte Haar. Mein Urgroßvater und Isaak Baruw liefen erregt und diskutierend durchs Zimmer, Isaak Baruw sprach vergebens beruhigende Worte, Worte, die meine Urgroßmutter an ihre Liebhaber erinnerten. Meine Urgroßmutter sank erschöpft in einen der weichen Sessel und legte die kalten Hände an den Samowar. Mein Urgroßvater und Isaak Baruw sprachen russisch, meine Urgroßmutter verstand nicht viel mehr als die Worte Sekundant und Petrowskij-Park. Das Hausmädchen wurde mit einem Brief hinaus in die Dunkelheit geschickt. Als der Morgen graute, verließen mein Urgroßvater und Isaak Baruw das Haus. Meine Urgroßmutter auf dem weichen Sessel war eingeschlafen, ihre schmale Hand mit dem roten Korallenarmband am Handgelenke hing matt von der Lehne herunter; im Zimmer war es dunkel und still wie auf dem Grund des Meeres.

Isaak Baruw kam gegen Mittag zurück teilte meiner Urgroßmutter unter vielerlei Kratzfüßen und Beileidsbezeugungen mit, daß mein Urgroßvater um acht Uhr in der Frühe verstorben sei. Nikolaj Sergejewitsch hatte ihn auf der Anhöhe des Petrowskij-Parks mitten ins Herz geschossen.

Meine Urgroßmutter wartete sieben Monate lang. Dann brachte sie am 20. Januar des Jahres 1905, in den ersten Tagen der Revolution, meine Großmutter zur Welt, packte ihre Koffer und kehrte nach Deutschland zurück. Ihr Zug nach Berlin sollte der letzte sein, der Petersburg verließ, bevor die Eisenbahner in den Streik traten und der Verkehr Rußlands mit dem Ausland eingestellt wurde. Als sich die Türen schlossen und die Lokomotive ihren weißen Rauch in die Winterluft blies, erschien am fernen Ende des Perrons die

bucklige, krumme Gestalt Isaak Baruws. Meine Urgroßmutter sah ihn kommen, sie befahl dem Schaffner zu warten, und so erklomm Isaak Baruw in letzter Sekunde den deutschen Zug. Er begleitete meine Urgroßmutter auf der langen Reise nach Berlin, er trug ihre Koffer und Hutschachteln Handtaschen, und er versäumte nicht, ihr seine lebenslange Dankbarkeit immer und immer wieder zu versichern. Meine Urgroßmutter lächelte ihn beruhigend an und schwieg; sie trug das rote Korallenarmband an ihrem linken Handgelenk, und meine winzige Großmutter im Weidenkorb ähnelte schon damals dem Nikolaiij Sergejewitsch mehr als meinem Urgroßvater.

Mein erster und einziger Besuch bei einem Therapeuten kostete mich das rote Korallenarmband und meinen Geliebten.

Mein Geliebten war zehn Jahre älter als ich, und er war wie ein Fisch. Er hatte fischgraue Augen und eine fischgraue Haut, er war wie ein toter Fisch, er lag den ganzen Tag auf seinem Bett, kalt und stumm, es ging ihm sehr schlecht, er lag auf dem Bett herum und sagte, wenn überhaupt, nur diesen einen Satz: – Ich interessiere mich nicht für mich selbst. – Ist das die Geschichte, die ich erzählen will?

Ich weiß es nicht. Ich weiß es nicht wirklich:

Mein Geliebter war der Urenkel von Isaak Baruw, und in seinen dünnen Adern floß russisch-deutsches Blut. Isaak Baruw war meiner Urgroßmutter sein Leben lang treu geblieben, aber geheiratet hatte er ihr pommersches Zimmermädchen. Er zeugte mit ihr sieben Kinder, und diese sieben Kinder schenkten ihm sieben Enkelkinder, und eines dieser Enkelkinder schenkte ihm seinen einzigen Urenkel – meinen Geliebten. Die Eltern meines Geliebten ertranken im Sommersturm auf einem See, und meine Urgroßmutter wies mich an, auf ihre Beerdigung zu gehen – die letzten Zeugen der Petersburger Vergangenheit würden da in die brandenburgische Erde gesenkt und mit ihnen die Geschichten, über die sie selbst nicht mehr sprechen wollte. Und also ging ich auf die Beerdigung von Isaak Baruws Enkel und deiner Frau, und an deren Grab stand mein

Geliebter und weinte drei graue Tränen. Ich nahm seine kalte Hand in meine, und als er nach Hause ging, ging ich mit ihm; ich dachte, ich könnte ihn trösten mit den Petersburger Geschichten, ich dachte, er könne sie mir erzählen, noch einmal neu.

Aber mein Geliebter sprach nicht. Und er wollte nichts hören, und er wußte auch gar nichts von dem Wintermorgen im Jahr 1905, an dem meine Urgroßmutter den Zug angehalten hatte, damit sein Urgroßvater fliehen konnte, in letzter Sekunde. Mein Geliebter lag also auf seinem Bett herum und sagte, wenn überhaupt, nur diesen einen Satz: – Ich interessiere mich nicht für mich selbst. – Sein Zimmer war kalt und staubig, es ging auf den Friedhof hinaus, auf dem Friedhof läuteten immerzu die Totenglöckchen. Wenn ich mich auf die Zehenspitzen stellte und aus dem Fenster schaute, konnte ich die frisch ausgehobenen Gräber sehen, die Nelkensträuße und die Trauernden. Ich saß oft in einer Ecke des Zimmers auf dem Boden, ich hatte die Knie an den Körper gezogen und pustete sachte die Staubflocken durch den Raum; ich fand es erstaunlich, sich nicht für sich selbst zu interessieren. Ich interessiere mich ausschließlich für mich selbst. Ich betrachtete meinen Geliebten, mein Geliebter betrachtete seinen Körper als wäre er schon tot, manchmal liebten wir uns feindselig, und ich biß ihn in seinen salzigen Mund. Ich hatte das Gefühl, als sei ich dünn und mager, obgleich ich das nicht war, ich konnte so tun, als sei ich nicht ich selbst. Das Licht fiel grün durch die Bäume vor dem Fenster, es war ein wasseriges Licht, ein Licht wie es an Seen ist, und die Staubflocken trieben durch das Zimmer wie die Algen und der Tang.

Mein Geliebter war traurig. Ich fragte ihn teilnahmsvoll, ob ich ihm nicht eine kleine, russische Geschichte erzählen sollte, und mein Geliebter antwortete rätselhaft, die Geschichten seien vorbei, er wollte sie nicht hören, und überhaupt solle ich meine eigene Geschichte nicht mit anderen Geschichten verwechseln. Ich fragte: – Hast du denn eine eigene Geschichte? –, und mein Geliebter sagte nein, er habe keine. Aber er ging zweimal in der Woche zu einem

Arzt, einem Therapeuten. Er verbot mir, ihn zu begleiten, er weigerte sich, mir etwas über den Therapeuten zu erzählen, er sagte: – Ich spreche über mich. Das ist alles –, und als ich ihn fragte, ob er darüber sprechen würde, daß er sich nicht für sich selbst interessiere, sah er mich voll Verachtung an und schwieg.

Mein Geliebter schwieg also oder sagte diesen Satz, ich schwieg auch und begann über den Therapeuten nachzudenken, mein Gesicht war immer ebenso staubig wie meine nackten Fußsohlen. Ich stellte mir vor, im Zimmer des Therapeuten zu sitzen und über mich zu sprechen. Ich hatte keine Vorstellung davon, worüber ich sprechen sollte. Ich hatte, seitdem ich bei meinem Geliebten war, schon lange nicht mehr wirklich gesprochen, ich sprach kaum mit ihm, und er sprach so gut wie nie mit mir, immer nur diesen einen Satz, und es gab Augenblicke, in denen ich dachte, die Sprache bestehe einzig und allein aus diesen sieben Worten: ich interessiere mich nicht für mich selbst.

Ich begann viel zu viel über den Therapeuten nachzudenken. Ich dachte nur an dieses Sprechen in seinem unbekanntem Zimmer, und das war angenehm. Ich war zwanzig Jahre alt, ich hatte nichts zu tun, ich trug das rote Korallenarmband an meinem linken Handgelenk. Ich kannte die Geschichte meiner Großmutter, ich konnte im Geist durch die dunkle, dämmerige Wohnung am Malyj-Prospekt gehen, ich hatte den Nikolaj Segejewitsch in den Augen meiner Großmutter gesehen. Die Vergangenheit war so dicht mit mir verwoben, daß sie mir manchmal wie mein eigenes Leben erschien. Die Geschichte meiner Urgroßmutter war meine Geschichte. Aber wo war meine Geschichte ohne meine Urgroßmutter? Ich wußte es nicht.

Die Tage waren still und wie unter dem Wasser. Ich saß im Zimmer meines Geliebten, und der Staub webte sich um meine Fußgelenke herum, ich saß, die Knie an den Körper gezogen, den Kopf auf den Knien, ich malte mit dem Zeigefinger Zeichen auf den grauen Fußboden, ich war gedankenverloren in ich weiß nicht was,

so gingen Jahre, schien es, ich trieb sofort. Konnte ich darüber sprechen? Von Zeit zu Zeit kam meine Urgroßmutter und klopfte mit knochiger Hand an die Wohnungstür, sie rief, ich solle herauskommen und mit ihr nach Hause gehen, ihre Stimme kam durch den Staub, der die Tür umspinnen hatte, wie aus weiter Ferne. Ich bewegte mich nicht und antwortete ihr nicht, auch mein Geliebter lag auf seinem Bett und starrte mit toten Augen an die Decke, ohne sich zu rühren. Meine Urgroßmutter rief und lockte mich mit Kosenamen meiner Kindheit – Liebherzlein, Nußbäumelein, Herzäugelein – sie tickte mit ihrer knochigen Hand beharrlich und zäh an die Tür, und erst als ich triumphierend rief: – Du hast mich zu ihm geschickt, jetzt mußt du warten, bis es zu Ende ist! – da ging sie wieder.

Ich hörte ihren Schritt auf den Treppen immer leiser werden, die Staubflocken an der Tür, die durch ihr Klopfen in Bewegung geraten waren, beruhigten sich und falteten sich zu einem dichten Flaum zusammen. Ich sah meinen Geliebten an und sagte: – Möchtest du nicht doch die Geschichte vom roten Korallenarmband hören? –

Mein Geliebter wandte sich auf dem Bett liegend mit zerquältem Gesicht zu mir herum. Er streckte die fischgrauen Hände von sich und spreizte langsam die Finger, seine fischgrauen Augen traten ein wenig aus ihren Höhlen hervor. Die Stille des Zimmers zitterte wie die Oberfläche eines Sees, in den man einen Stein geworfen hat. Ich zeigte meinem Geliebten meinen Arm und die roten Korallen an meinem Handgelenk, mein Geliebter sagte: – Diese kommen aus der Familie der Rindenkorallen. Sie bilden ein Stämmchen, das bis zu einem Meter hoch werden kann, und sie haben ein rotes Skelett aus Kalk. Kalk. –

Mein Geliebter stieß beim Sprechen mit der Zunge an, er sprach schwerfällig und lallend, als sei er betrunken. Er sagte: – Sie wachsen an den Küsten von Sardinien und Sizilien. In Tripolis, Tunis und Algerien. Dort, wo das Meer so blau ist wie ein Türkis, sehr tief, man kann schwimmen und tauchen, und das Wasser ist

warm... – Er drehte sich wieder von mir weg und seufzte tief, er trat mit den Füßen zweimal gegen die Wand, dann lag er still.

Ich sagte: – Ich will die Geschichten erzählen, hörst du! Die Petersburger Geschichten, die alten Geschichten, ich will sie erzählen, um aus ihnen hinaus, und fortgehen zu können. –

Mein Geliebter sagte: – Ich will sie nicht hören. –

Ich sagte: – Dann werde ich sie deinem Therapeuten erzählen –, und mein Geliebter richtete sich auf, er atmete so heftig ein, daß einige Staubflocken in einem kleinen Strom in seinem aufgerissenden Mund verschwanden, er sagte: – Du wirst meinem Therapeuten überhaupt nichts erzählen, geh zu irgendetwem, aber nicht zu meinem Therapeuten –, er hustete und schlug sich auf die nackte, graue Brust, ich mußte lachen, denn nie zuvor hatte mein Geliebter so viel hintereinander gesprochen. Er sagte: – Du wirst nicht mit jemandem über mich sprechen, mit dem auch ich über mich spreche, das ist nicht möglich –, und ich sagte: – Ich will nicht über dich sprechen, ich will die Geschichte erzählen, und meine Geschichte ist auch deine Geschichte. – Wirklich, wir kämpften miteinander. Mein Geliebter droht, mich zu verlassen, er hielt mich fest und zog an meinen Haaren, er biß mich in die Hand und kratzte, ein Wind ging durchs Zimmer, die Fenster sprang auf, die Totenglöckchen auf dem Friedhof läuteten wie rasend, und die Staubflocken trieben hinaus wie Seifenblasen. Ich stieß meinen Geliebten von mir und riß die Tür auf, ich fühlte mich wirklich so dünn und mager; als ich ging, konnte ich die Staubflocken sachte zu Boden sinken hören, stand mein Geliebter stumm an seinem Bett, mit seinen fischgrauen Augen und seiner fischgrauen Haut.

Der Therapeut, wegen dem ich das rote Korallenarmband und meinen Geliebten verlor, saß in einem großen Zimmer hinter seinem Schreibtisch. Das Zimmer war wirklich sehr groß, es war fast leer, bis auf diesen Schreibtisch, den Therapeuten dahinter und einen kleinen Stuhl davor. Auf dem Boden des Zimmers lag ein weicher, meerblauer, tiefblauer Teppich. Der Therapeut sah mich ernst und

gerade an, als ich sein Zimmer betrat. Ich lief auf ihn zu, ich hatte das Gefühl, ich müsse sehr lange auf ihn zu laufen, bis ich endlich diesen Stuhl vor seinem Schreibtisch erreicht hatte. Ich dachte daran, daß auf diesen Stuhl sonst immer mein Geliebter gesessen und über sich – über was? – gesprochen hatte, ich spürte eine winzige Traurigkeit. Ich setzte mich. Der Therapeut nickte mir zu, ich nickte auch und starrte ihn an, ich wartete auf den Anfang, auf den Beginn der Unterhaltung, auf seine erste Frage. Der Therapeut starrte zurück, bis ich meinen Blick senkte, aber er sagte nichts. Er schwieg. Sein Schweigen erinnerte mich an etwas. Er war still. Irgendwo tickte eine Uhr, die ich nicht sehen konnte, ums hohe Haus webte der Wind, ich schaute auf den meerblauen, tiefblauen Teppich zwischen meinen Füßen und zog nervös und unsicher an dem Seidenfaden des roten Korallenarmbandes. Der Therapeut seufzte. Ich hob den Kopf, er tippte mit der Nadelspitze seines Bleistiftes auf die glänzende Schreibtischplatte, ich lächelte verlegen, er sagte: – Worum geht es Ihnen denn. –

Ich atmete ein, ich hob die Hände und ließ sie wieder sinken, ich wollte sagen, ich interessiere mich nicht für mich selbst, ich dachte, das ist eine Lüge, ich interessiere mich ausschließlich für mich selbst, und ist es das? daß ich da nämlich gar nichts ist? nur die Müdigkeit und die leeren, stillen Tage, ein Leben wie das der Fische unter Wasser und ein Lachen ohne Grund? ich wollte sagen, ich habe zu viele Geschichten in mir, die machen mir das Leben schwer, ich dachte, da hätte ich ja auch bei meinem Geliebten bleiben können, ich atmete ein, und der Therapeut riß Mund und Augen auf, uns ich zog am Seidenfaden des roten Korallenarmbandes und der Seidenfaden riß und die sechshundertfünfundsiebzig wutroten kleinen Korallen platzten in einer funkelnden Pracht von meinem dünnen und mageren Handgelenk.

Ich starrte mein Handgelenk an, fassungslos, das Handgelenk war weiß und nackt. Ich starrte den Therapeuten an, der Therapeut hatte sich in seinem Stuhl zurückgelehnt, der Bleistift lag jetzt parallel zur Schreibtischkante vor ihm, er hatte die Hände im Schoß gefaltet.

Ich schlug die Hände vor mein Gesicht. Ich rutschte vom Stuhl hinunter auf den meerblauen, tiefblauen Teppich, die sechshundertfünfundsiebzig Korallen lagen über das ganze Zimmer versprengt. Sie leuchteten so wutrot wie nie, ich kroch auf dem Boden umher und sammelte sie auf, sie lagen unter dem Schreibtisch, unter der Fußspitze des Therapeuten, er zog den Fuß ein winzigbißchen zurück, als ich ihn berührte, unter dem Schreibtisch war es dunkel, aber die roten Korallen leuchteten.

Ich dachte an Nikolaj Sergejewitsch, ich dachte, hätte er meiner Urgroßmutter die roten Korallen nicht geschenkt, hätte er meinen Urgroßvater nicht mitten Herz geschossen. Ich dachte an den buckligen, krummen Isaak Baruw, ich dachte, hätte er Rußland nicht verlassen, hätte meine Urgroßmutter nicht seinetwegen den Zug angehalten. Ich dachte an meinen Geliebten, den Fisch, ich dachte, hätte er nicht immer geschwiegen, müßte ich jetzt nicht unter dem Schreibtisch eines Therapeuten herumkriechen; ich sah die Hosenbeine des Therapeuten, seine gefalteten Hände, ich konnte ihn riechen, ich stieß mir den Kopf an der Schreibtischplatte. Ich sammelte die roten Korallen unter dem Schreibtisch ein, ich kroch wieder ans Licht und weiter durchs Zimmer, ich hob die Korallen mit der rechten Hand auf und sammelte sie in der linken, ich begann zu weinen. Ich kniete auf dem weichen, meerblauen, tiefblauen Teppich, ich sah den Therapeuten an, der Therapeute sah mich an, von seinem Stuhl aus, mit den gefalteten Händen. Meine linke Hand war voller Korallen, aber noch immer leuchteten und blinkten sie um mich herum, ich dachte, ich bräuchte mein ganzes Leben, um all diese Korallen wieder aufzuheben, ich dachte, es würde mir doch niemals gelingen, mein Leben lang nicht. Ich stand auf. Der Therapeut beugte sich vor, nahm den Bleistift vom Schreibtisch und sagte: – Die Sitzung ist für heute beendet. –

Ich schüttete die rote Korallen von der linken in die rechte Hand, sie machten ein schönes, zärtliches Geräusch, fast wie ein kleines Gelächter. Ich hob die rechte Hand und schleuderte die rote Korallen prasselten auf seinen Schreibtisch, und mit ihnen prasselte

ganz Petersburg, die große und die kleine Newa, die Urgroßmutter, Isaak Baruw und Nikolaijj Sergejewitsch, die Großmutter im Weidenkorb und der Geliebte der Fisch, die Wolga, die Luga, die Narowa, das Schwarze und das Kaspische Meer und die Ägais, der Golf, der Atlantische Ozean.

Das Wasser der Weltmeere wogte in einer großen, grünen Welle über den Schreibtisch des Therapeuten und riß ihn vom Stuhl, es stieg schnell höher und trug den Schreibtisch empor, aus seinen Wellenkämmen stieg noch einmal das Therapeutengesicht auf, dann verschwand es, das Wasser rauschte, brandete, sang und stieg und schwemmte die Geschichten mit sich fort, die Stille und die Korallen, schwemmte sie zurück in die Tangwälder, in die Muschelbänke, an den Meeresgrund. Ich holte Luft.

Ich ging noch einmal nach meinem Geliebten sehen. Der trieb, ich wußte das, mit dem bleichen Bauch nach oben auf dem wassernassen Bett. Das Licht war so grau, wie es das Licht auf dem Grund eines Sees ist, in seinem Haar hatten sich die Staubflocken verfangen, sie zitterten sachte. Ich sagte: – Du weißt, daß die Korallen schwarz werden, wenn sie zu lange auf dem Meeresgrund liegen. – ich sagte: – War das die Geschichte, die ich erzählen wollte –, aber mein Geliebter konnte mich nicht mehr hören.